

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro - Licenciatura



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SOBRE CENOGRÁFIA E FIGURINOS

UMA PARTE DA MINHA PESQUISA E PRÁTICA CRIATIVA

ALINE DA SILVA MEIRA COTRIM

Pelotas

2022

ALINE DA SILVA MEIRA COTRIM

SOBRE CENOGRÁFIA E FIGURINOS

UMA PARTE DA MINHA PESQUISA E PRÁTICA CRIATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teatro Licenciatura da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado em
Teatro.

Orientação: Profa. Maria Amélia Gimmler Netto

Pelotas
2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C845s Cotrim, Aline da Silva Meira

Sobre cenografia e figurinos uma parte da minha
pesquisa e prática criativa / Aline da Silva Meira Cotrim ;
Maria Amélia Gimmler Netto, orientadora. — Pelotas, 2022.

59 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro)
— Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Olhar criativo. 2. Cenografia. 3. Figurinos. 4.
Manualidades. I. Netto, Maria Amélia Gimmler, orient. II.
Título.

CDD : 792

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

ALINE DA SILVA MEIRA COTRIM

SOBRE CENOGRAFIA E FIGURINOS

UMA PARTE DA MINHA PESQUISA E PRÁTICA CRIATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciada em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 15 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dr. Maria Amélia Gimmler Netto (Orientadora)

Doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC da Universidade Federal da Bahia

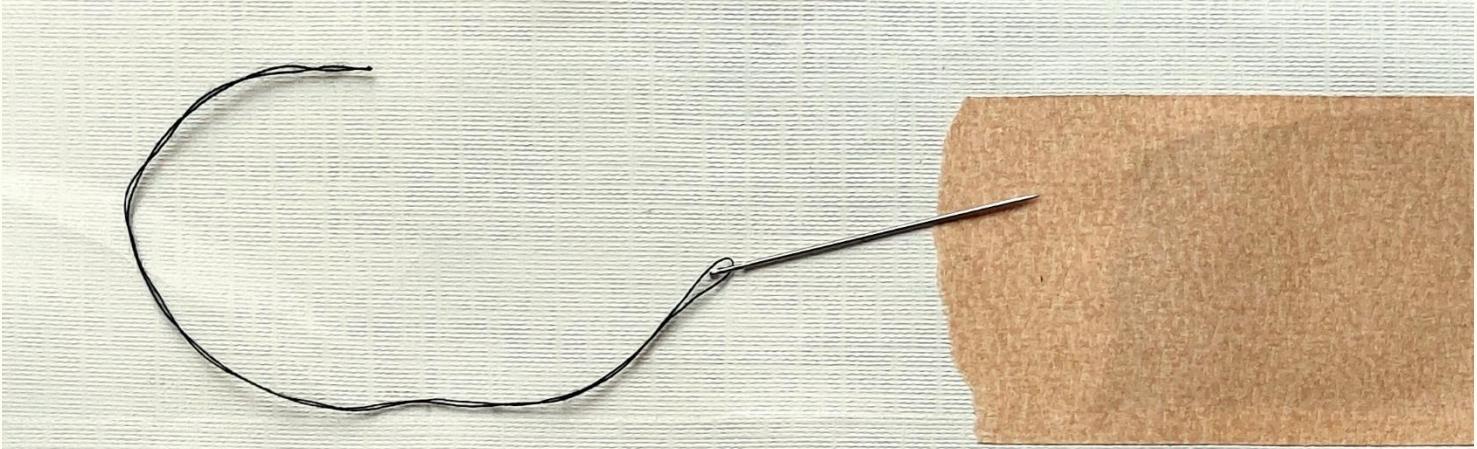
Prof. Me. Diego Fogassi Carvalho

Mestre em Educação pelo Instituto Federal Sul Rio-Grandense

Prof. Ma. Larissa Tavares Martins

Mestra em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria

AGRADECIMENTOS



Eu tenho uma máquina de escrever que eu nunca uso então ela fica sempre guardada. Não sei o que me motivou, mas quando eu estava encaixotando as minhas coisas para me mudar para Pelotas, peguei ela e escrevi o que estava acontecendo na minha vida naquele momento e a folha eu deixei guardada dentro da máquina. Não escrevi nada elaborado apenas algumas palavras e de alguma maneira essa "tradição" se repetiu. Nos últimos nove anos que eu estou morando em Pelotas em todas as mudanças de casa eu pegava a máquina e escrevia algumas palavras antes de encaixotar.

A máquina que estou escrevendo isso não é a mesma (essa tem uma tecnologia que pode apagar se eu errar o que eu acho fantástico) mas está cunprindo outro papel. Gostaria de deixar registrado aqui esse outro momento de mudança, onde uma parte de minha pesquisa e prática vai ficar escrito e quem sabe poderá servir de apoio para uma pesquisa e prática de outra pessoa.

Gostaria de agradecer quem esteve junto comigo nesses últimos anos me apoiando e se aventurando comigo nas minhas aventuras. Quem me ajudou a carregar um pedaço de madeira de uma caçamba até em casa, quem ficou acordado de madrugada em véspera de apresentação terminada de costurar um figurino, quem terminou de pintar um cenário e secou com um secoador minutos antes de uma apresentação começar, quem carregou os figurinos num cabide e depois ajudou a passar, quem carregou e montou um cenário complexo em locais complicados, e acima de tudo quem fez tudo isso comigo estressada apontando qualquer coisas que não estivesse do jeito que eu tinha idealizado.

Muitobrigada a todas as pessoas que tornaram esse trabalho possível, obrigada mesmo. S2

RESUMO

COTRIM, ALINE DA SILVA MEIRA. **SOBRE CENOGRÁFIA E FIGURINOS UMA PARTE DA MINHA PESQUISA E PRÁTICA CRIATIVA.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Curso de Graduação em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este trabalho de conclusão de curso é um memorial crítico reflexivo que trata da trajetória artística da autora na criação de cenografia e figurino para teatro. São apresentadas experimentações artísticas e reflexões sobre a prática criativa da artista ao longo de 10 anos na *Você Sabe Quem Companhia de Teatro* de Pelotas/RS. É apresentado um panorama dos trabalhos da companhia com ênfase no trabalho de criação cenográfica, bem como um estudo sobre pesquisas de outros artistas criadores da área como a da escritora e cenógrafa Pamela Howard e do escritor e figurinista paulistano Fausto Viana. É apresentado também um relato sobre as experiências de estágio docente da autora e suas experiências com práticas de ensino do teatro voltadas para cenografia em ambientes formais e não-formais de ensino. E por fim, a autora apresenta reflexão sobre seu olhar criativo e disposto a experimentar as visualidades e manualidades no fazer teatral.

Palavras-chave: olhar criativo; cenografia; figurinos; manualidades

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 - Minha mãe e meu pai na estrada	10
Imagen 2 - Salão nobre da BBP antes de uma apresentação da peça NORMA	12
Imagen 3 - Cartazes das peças - A BONECA DOROTHY - DONA FRIDA - NORMA - O INCRÍVEL MESTÉRIO DE HONRATO O RATO	14
Imagen 4 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ	15
Imagen 5 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY	15
Imagen 6 - Montagem de fotos de uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY no 2º Festival Bajeense de Teatro	16
Imagen 7 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY em escola	17
Imagen 8 - Exemplo da costura do cenário	18
Imagen 9 - Informações retiradas do arquivo da VSQ	18
Imagen 10 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY no salão nobre da BBP	19
Imagen 11 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY no salão nobre da BBP	20
Imagen 12 - Uma apresentação de peça A BONECA DOROTHY no salão nobre da BBP	21
Imagen 13 - Sinopse e informações retiradas do arquivo da VSQ	22
Imagen 14 - Uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP	22
Imagen 15 - Colagem de imagens retiradas do google a partir da palavra chave - 20's -	23
Imagen 16 - Montagem de fotos de uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP	24
Imagen 17 - Uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP	25
Imagen 18 - Uma colagem de imagens retiradas de fotos de apresentação da peça DONA FRIDA	26
Imagen 19 - Informações retiradas do arquivo da VSQ	27
Imagen 20 - Uma apresentação da peça DONA FRIDA no palco do XXV Festival	27
Imagen 21 - Montagem de fotos de uma apresentação da peça DONA FRIDA no largo do Mercado Público	28
Imagen 22 - Foto de uma apresentação da peça DONA FRIDA no palco do XVIII Festival Internacional de Teatro Rosário em Cena	28
Imagen 23 - Foto de uma apresentação da peça DONA FRIDA no largo do Mercado Público	29

Imagen 24 - Foto de bastidores no biombo numa apresentação da peça DONA FRIDA	30
Imagen 25 - Sinopse e informações retiradas do arquivo da VSQ	31
Imagen 26 - Foto colorida de uma apresentação da peça NORMA no palco do II FESTE	32
Imagen 27 - Uma colagem de imagens retiradas do google a partir da palavra chave - cinema expressionista alemão -	33
Imagen 28 - Montagem de fotos PB de uma apresentação da peça NORMA no salão nobre da BBP	33
Imagen 29 - Foto PB da maquiagem borrada	34
Imagen 30 - Foto colorida da maquiagem	35
Imagen 31 - Foto PB de uma apresentação da peça NORMA no palco do II FESTE	35
Imagen 32 - Foto do conjunto de chá comparando um modelo comum com modelo feito com retas	36
Imagen 33 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ	37
Imagen 34 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO no salão nobre da BBP	37
Imagen 35 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO	38
Imagen 36 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO no salão nobre da BBP	39
Imagen 37 - Foto da maquiagem de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO em uma escola	40
Imagen 38 - Montagem de fotos do cenário de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO no salão nobre da BBP	40
Imagen 39 - Montagem de fotos do Honorato	41
Imagen 40 - Print da minha página de salvos no meu perfil no Instagram	44
Imagen 41 - Fotos de uma apresentação da Oficina de Linguagens Teatrais na BBP	49
Imagen 42 - Fotos de um exercício em sala de aula durante o estágio e fotos de peças de referências	53
Imagen 43 - Fotos do ateliê durante o estágio com a oficina dos cinco Cs	54
Imagen 44 - Foto da máscara e do colar do personagem e foto do diário de aulas	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UM BREVE, NEM TÃO BREVE, MEMORIAL DESCRIPTIVO DE UMA PESSOA UM POUCO DESMEMORIADA.....	10
1.1. Um tantinho da <i>VOCÊ SABE QUEM CIA DE TEATRO</i>	11
2. QUATRO PEÇAS PARA EXEMPLIFICAR PARTE DO PROCESSO CRIATIVO ...	14
2.1. A Boneca Dorothy - Primeira versão.....	15
2.1.1. A Boneca Dorothy - Última versão	18
2.1.2 Dona Frida - Primeira versão	22
2.1.2.1. Dona Frida - Última versão.....	27
2. 3. Norma - Última versão.....	31
2. 4. O incrível mistério de Honorato, o rato - Última versão	37
3. CONHECENDO E RECONHECENDO PRÁTICAS CRIATIVAS DE CENÁRIOS E FIGURINOS.....	42
3.1. Constância e a transposição de uma montagem.....	47
3.2. A coleção que se transforma em criação.....	49
4. DO PALCO PARA A SALA DE AULA	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Gostaria de apresentar esse trabalho para além da folha de papel ou de uma tela de um computador, queria que ele fosse transposto em objetos, texturas, tecidos, bordados, madeiras, tintas e que fosse materializado e presente. Acredito que esse trabalho consiga passar um pouco dessa ideia e convido você durante esta leitura, adentrar em uma parte da minha pesquisa e prática criativa sobre cenografia e figurinos.

O trabalho apresenta uma parte de minha prática e pesquisa como cenógrafa e figurinista através de um memorial descritivo, durante esses últimos anos fazendo parte da *Você Sabe Quem Companhia de Teatro*. Para isso selecionei quatro peças da companhia exemplificando uma parte desse processo criativo.

Para dar continuidade nessa pesquisa faço um paralelo da minha prática com a da escritora e cenógrafa Pamela Howard citada no livro “O que é cenografia?” (2015) comentando alguns pontos de aproximação e distanciamento. Através de alguns apontamentos que escritor e figurinista paulistano Fausto Viana traz de alguns trabalhos do grupo Théâtre du Soleil também faço um paralelo partindo dessa reflexão de possibilidades criativas.

Finalizo relatando possibilidades de criação para além de uma apresentação teatral, que vai para a sala de aula podendo possibilitar outras vivencias desse fazer teatral. Um olhar atento e uma pesquisa visual e manual podendo gerar cada vez mais um infinito de possibilidades no teatro e em outras áreas também.

1. UM BREVE, NEM TÃO BREVE, MEMORIAL DESCRIPTIVO DE UMA PESSOA UM POUCO DESMEMORIADA

(Início esse texto avisando que alguns fatos podem estar faltando, pois não sou muito boa em lembrar, mas sou muito boa em acrescentar umas coisas para preencher esse espaço.)

Meu nome é Aline Cotrim, atriz, professora, cenógrafa, figurinista, diretora, consertadora de problemas de última hora, e outras coisas, na *Você Sabe Quem Cia de Teatro* um grupo da cidade de Pelotas/RS. Neste trabalho de conclusão de curso apresentarei, em formato de memorial, algumas de nossas produções, refletindo sobre meu fazer artístico que se desenvolve e se (re)cria a partir da minha relação com o grupo.

Desde pequena eu fui rodeada de possibilidades, sou filha única de uma costureira e um pedreiro que sempre me incentivaram a fazer o que eu quisesse. Minha mãe, apesar de costurar, nunca levou isso como profissão, pois sempre

trabalhou como empregada para uma família. Já o meu pai como pedreiro sempre foi autônomo, então às vezes trabalhava e às vezes não.

Meus pais sempre foram muito práticos, se alguma coisa quebrava em casa, ao invés de chamar alguém para arrumar ou comprar um novo, eles mesmos consertavam. Quando pequena eu passava bastante tempo na escola, e quando não estava na escola, eu ficava na casa que minha mãe trabalhava. Quando fiquei mais velha comecei a passar esse tempo em casa sozinha, e em todas as casas que morei sempre tive tudo à disposição,



Imagen 1 - Minha mãe e meu pai na estrada
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto arquivo pessoal
Ano desconhecido / Monte Mor

desde a mala de tecidos da minha mãe até a carriola de ferramentas do meu pai. (*Eu sei que isso pode parecer a receita do caos, mas não, garanto que nunca aconteceu nada de errado.*) Sempre que eu queria uma coisa do meu jeitinho eu ia lá e fazia, e quando não conseguia meus pais sempre me ajudavam.

Não lembro o que me motivou de fato a sair de Americana do interior de São Paulo para vir morar em Pelotas no Rio Grande do Sul, quando vi lá estava eu pedindo demissão no meu emprego estável onde eu trabalhava há mais de dois anos como auxiliar administrativa no departamento financeiro de um hospital particular. Também tranquei minha faculdade de design gráfico na *UNIP – Universidade Paulista* faltando apenas um semestre para me formar. Então me aventurei em um curso licenciatura em uma cidade nova, num estado novo e há muitos quilômetros de distância de tudo que eu conhecia.

Importante falar que o teatro sempre esteve presente em momentos da minha vida. Pelo que me lembro meu primeiro contato foi com sete anos, pois era uma disciplina na minha escola. (*Foi amor à primeira vista sabe?... Poder me vestir como quiser, inventar histórias e as pessoas me aplaudirem, ai eu achava o máximo.*) Desde então eu e o teatro sempre estivemos próximos com alguns encontros e desencontros, mas quando tinha alguma oficina que estava acontecendo no meu bairro eu participava, ou até mesmo convencia meus professores do ensino fundamental de montarmos uma peça para a escola.

1.1. Um tantinho da *VOCÊ SABE QUEM CIA DE TEATRO*

A história de como a *VOCÊ SABE QUEM Cia de Teatro* (VSQ) surgiu já foi contada e recontada tantas vezes, nos primeiros dias de aula na universidade, trabalhos de concluso de curso, artigos ou em conversas com amigos e até mesmo durante alguma oficina do grupo, que eu tenho a sensação de que nem eu, o Diego Carvalho ou o Thalles Echeverry lembramos os fatos de verdade. Mas essa história pode ser resumida de uma maneira bem simples, em que eles tinham vontade de criar um grupo de teatro independe da faculdade e eu tinha tempo livre.

No começo da VSQ éramos quatro estudantes, o Diego Carvalho e a Larissa Rosado que eram quase formandos do Curso de Teatro Licenciatura da

UFPel. E enquanto isso eu e o Thalles Echeverry estávamos no primeiro semestre do mesmo curso. A VSQ surgiu com ideia de conhecer e compartilhar o conhecimento, na qual não temos uma posição fixa de atuação, direção, e afins dentro do grupo, mas que varia dependendo do projeto. Além de peças de teatro, contação de histórias e outros projetos, também criamos a VSQ com objetivo de dar aulas através de oficinas e cursos.

Essa dinâmica de rotatividade nas funções do grupo como a direção, iluminação, atuação e afins, não é uma particularidade. Outros grupos de teatro que encontramos em festivais ou mostras também compartilham dessa prática.

Logo nos primeiros meses de existência da VSQ conseguimos uma parceria com a *Biblioteca Pública Pelotense* (BPP) uma associação civil que presta diversos serviços de acesso à cultura e educação, e que possui um amplo salão nobre além de outras enormes salas com o pé direito altíssimo, onde se é possível fazer oficinas e apresentações teatrais. Na verdade, a BPP é praticamente o único local central onde se possível fazer uma apresentação de teatro, apesar de não possuir nem uma estrutura de palco ou iluminação é um



Imagen 2 - Salão nobre da BPP antes de uma apresentação da peça NORMA
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Eduardo Mancini
2018 / Pelotas

ótimo espaço, pois não possuímos um teatro público em funcionamento na cidade de Pelotas/RS.

Hoje a VSQ existe há nove anos e estamos em onze integrantes, com oito peças no repertório, além de monólogos, contação de histórias e outros projetos. Em que na maioria das vezes eu estou envolvida com a idealização e quase sempre com a produção de cenários e figurinos. À parte disso tem as inúmeras apresentações das nossas oficinas nas quais também me envolvo com a idealização e produção de cenários e figurinos.

2. QUATRO PEÇAS PARA EXEMPLIFICAR PARTE DO PROCESSO CRIATIVO

Como falar de todos projetos pode ficar meio confuso além de muito longo, aqui escolhi fazer um breve relato de criação apenas de quatro peças da VSQ. A *Boneca Dorothy* e a *DONA FRIDA* foram as primeiras peças que eu idealizei e desenvolvi cenário e figurinos desde o início do processo. Enquanto a *NORMA* e *O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO* foram projetos onde a proposta de referências para o cenário e figurino partiu da direção onde a partir dessas referencias eu desenvolvi meu processo criativo.

Apesar de ser um pequeno recorte, acredito que sirva como demonstração do desenvolvimento de conhecimento prático e criativo do meu trabalho, com relação a produção de cenários e figurino que venho tendo ao longo desses anos.



Imagen 3 - cartazes das peças - A BONECA DOROTHY - DONA FRIDA - NORMA - O INCRIVEL MISTÉRIO DE HONORATO O RATO
Montagem Aline Cotrim - Arquivo pessoal
2022 / Pelotas

2.1. A Boneca Dorothy - Primeira versão

A BONECA DOROTHY – 2013

"Uma boneca de pano" é assim que todos a veem, porém Dorothy é muito mais que isso. Amiga e companheira de Virgínia, a boneca está sempre protegendo a menina das maldades de sua madrasta Agnes. Com a ajuda de Enzo, o filho da malvada e melhor amigo das crianças eles vão lutar junto com tia Antonieta contra Agnes e tentar mostrar-lhe a importância do amor

Texto de Larissa Rosado

Direção de Diego Carvalho

Elenco com Aline Cotrim, Dâmaris Cogno, Lauren Rosa, Larissa Rosado e Thalles Echeverry

Cenário figurinos de Aline Cotrim

Imagen 4 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ



Imagen 5 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto arquivo da VSQ
2013 / Pelotas

A Boneca Dorothy foi a nossa primeira peça que montamos na VSQ. O texto teve como inspiração um conto de uma boneca de pano e o restante fomos criando através de improvisações. A história se passava em um mundo mágico onde Agnes e Antonieta são bruxas e a Dorothy “ganhou vida” através de um feitiço, enquanto as crianças Enzo e Virgínia ficam tentando desvendar mistérios.

Como a primeira peça da VSQ tudo era novo, nós não tínhamos muita experiência e fomos criando e construindo de acordo com o que se tinha à disposição. (*Não digo a gente só juntou um monte de coisas e “puff” assim como mágica tudo ficou pronto.*)

Fizemos um caminho onde, as características dos elementos e escolhas visuais para a peça partiram do que tínhamos disponíveis. Diferente do caminho que faço hoje em dia, onde penso primeiramente nas características e elementos visuais antes da execução dos elementos.



Inicialmente nenhum dos figurinos foi produzido para a peça, pois não tínhamos dinheiro para esse investimento. Importante falar que por mais que não

tínhamos ainda definido as características e elementos dos figurinos, nós não saímos pegando qualquer coisa que a gente tinha só para colocar em cena.



Fizemos então as escolhas a partir de roupas que já existiam e nós tínhamos guardadas com a gente. Para as crianças escolhemos roupas curtas pra melhor mobilidade, a Dorothy ficou com um vestido florido para remeter a uma boneca de pano, e a Agnes o vestido verde e longo de festa para trazer uma elegância. (*Praticamente oitenta por cento das roupas vieram de uma mala que eu tinha separado para ser figurino e os outros vinte vieram do restante do elenco ou seus familiares.*)

O local que acontece a história é em um quarto de criança e a primeira apresentação que tivemos foi em uma garagem de uma escola. Pensamos que além de brinquedos e bichinhos de pelúcia espalhados pelo chão, nós tínhamos que ter uma espécie de fundo pra descaracterizar um pouco a garagem, e assim deixar visualmente mais claro que a história se passa em um quarto de criança. (*Uma motivação bem forte para a construção do fundo era a vontade de tampar o portão velho e escuro da garagem que não estava nos seus melhores dias.*)

Acabamos optando em fazer o fundo de tecido porque é leve, fácil de transportar e tínhamos de sobra. (*uma das minhas caixas de mudança incluía uma máquina de costura da minha mãe e muitos retalhos de tecido*). O único tecido que compramos para o cenário é o algodão cru que usamos de base, pois o restante era tecido da caixa de retalhos ou lençol velho.



Imagen 8 - Exemplo da costura do cenário
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto arquivo pessoal
2021 / Pelotas

O cenário foi todo costurado a mão, com pontos aparentes (*nem tão aparentes assim, porque duvido muito que alguém sentado na plateia conseguia enxergar os pontos*) para assemelhar a ideia de “feito em casa” assim como a Dorothy uma boneca de pano. (*Outro motivo de costurar tudo a mão era que eu ainda me sentia um pouco insegura para costurar na máquina.*)

2.1.1. A Boneca Dorothy - Última versão

A BONECA DOROTHY – 2015

Prêmios: Melhor espetáculo por júri popular – II Festival Bajeense de Teatro

Melhor atriz – II Festival Bajeense de Teatro

Melhor cenografia – II Festival Bajeense de Teatro

Melhor maquiagem – II Festival Bajeense de Teatro

Texto de Larissa Rosado

Direção de Diego Carvalho

Elenco com Aline Cotrim, Dâmaris Cogno, Evelin Suchard, Larissa Rosado e Thalles Echeverry

Cenário figurinos de Aline Cotrim

Imagen 9 - Informações retiradas do arquivo da VSQ



Imagen 10 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY no salão nobre da BBP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Marco Antonio Duarte
2015 / Pelotas

Com tempo vendemos a peça para várias escolas particulares e com o dinheiro que ganhamos começamos a fazer mais investimento tanto no cenário como nos figurinos. Alterando e acrescentando algumas coisas, para representar melhor o universo lúdico mágico e de faz de conta da história.

Antes da Dorothy eu nunca tinha criado ou pensado em todos figurinos para uma peça, foi tudo um processo de aprendizagem e conhecimento. Com as apresentações, comecei observar com mais atenção o que funcionava ou não, então fiz algumas mudanças para que todos os figurinos contassem a mesma história.

As crianças representadas ficaram praticamente com o mesmo figurino, troiei apenas a bermuda escura do Enzo por uma com tom de verde, o restante se manteve, pois ambos possuíam tons pastéis e as cores se complementavam funcionando como dupla. Antonieta perdeu o avental e ganhou um vestido longo esvoaçante azul para combinar com o verde da Agnes, dessa maneira ficava visualmente mais claro que Antonieta não era empregada, mas sim as duas eram as irmãs bruxas. A Dorothy ganhou um vestido do mesmo modelo, mas com um tom de azul escuro, pois o primeiro era bege quase branco e não tinha nenhum contraste com o tom do tecido que tínhamos escolhido para a boneca.

FIGURINOS



Imagen 11 - Uma apresentação da peça A BONECA DOROTHY no salão nobre da BBP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Marco Antonio Duarte
2015 / Pelotas

Uma questão sempre presente em todas as peças do grupo com relação aos cenários é o transporte, pois não temos um local nosso onde podemos montar um cenário e deixar ele lá montado durante toda uma temporada de apresentações. Com isso todos os cenários do grupo não são pensados como fixo mais sim transportáveis, desmontáveis e montáveis.

Como o fundo de tecido foi feito para ser pendurado e em alguns lugares poderia não ter onde pendurar, acabamos optando por fazer uma estrutura de PVC como se fosse uma moldura, dessa forma o tecido é preso na estrutura ficando esticado e bastava apoiar alguma coisa no fundo para ele ficar de pé. (*Foi minha primeira experiência tendo que pensar na engenharia de funcionamento de um cenário, como prender o tecido de uma forma que ele fique esticado sem deixar o PVC aparente*). No final da temporada e indo para festivais, mais dois pequenos painéis foram feitos para ampliar o espaço de cena, além de servirem como coxias e os canos de PVC tinham um sistema de numeração e uma ordem para ser colocados no tecido.



Apresentamos essa peça mais de vinte vezes em vários lugares, como escolas com e sem palco, praça com palco improvisado, ginásio com palco muito alto e estreito, casarão e afins com necessidades e limitações em vários níveis de dificuldades. Com o tempo percebi que para termos sucesso era preciso um sistema de organização (*quando me refiro a sucesso era não ter mais que ficar toda apresentação correndo encaixando o cenário, enquanto pedia para alguém passar a camisa do Enzo, sabendo que tinha que consertar um buraco no figurino da Antonieta, estando sem maquiagem e sem peruca, descobrindo que o piso do local de apresentação era muito escorregadio pra as meias da Dorothy, cinco minutos antes de começar e já ouvindo barulho de crianças chegando*). Tinha uma mala onde colocava os figurinos esticados para não chegarem amarrados, os brinquedos tinham que caber em um baú para ocupar menos espaço de transporte, a estrutura de PVC era amarrada separada pelos números de acordo com o painel para agilizar a montagem, entre outras coisas. Além disso um kit para qualquer emergência antes de apresentações que contém tesoura, barbante, fita crepe e agulha e linha.

2.1.2 Dona Frida - Primeira versão

DONA FRIDA – 2016

A peça se passa nos anos loucos e acompanha a vida da família de Dona Frida. Uma senhora viúva que levava uma vida bastante tranquila, até descobrir que estava sendo vítima de um plano nefasto. Nessa história, que parece mais um roteiro de radionovela, não será tão fácil assim se livrar da matriarca da família.

Direção e Concepção Dramatúrgica de Thalles Echeverry

Elenco com Aline Cotrim, Damaris Cogno, Diego Carvalho e Eduarda Bento

Cenário figurinos de Aline Cotrim

Iluminação de Evelin Suchard

Sonorização de Iago Mattos

Imagen 13 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ



Imagen 14 - Uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Mike Dilelio
2016 / Pelotas

Essa peça foi a nossa primeira adulta além de ser o primeiro projeto que conseguimos incentivo financeiro através do edital de apoio a cultura da prefeitura de Pelotas/RS o PROCULTURA¹.

A história se passa na sala de estar de uma família classe média alta que reside no interior. Nessa casa moram Abigail que passa seus dias lendo os mais diversos livros e sua mãe, Dona Frida que vive uma vida pacata ouvindo radionovela. A tranquilidade acaba quando Cora a outra filha de Dona Frida é obrigada a se mudar da cidade grande pra ir morar com elas, pois acabou com todo seu dinheiro. Além de muitas malas de sapatos e roupas de grife Cora também levou para a casa de sua mãe seu namorado, o Pierre um elegante “francês” misterioso e cheio de lábia.

Antes da escrita do texto, sentamos Thalles e eu para conversar sobre as ideias pra a peça, pois além de autor ele também é o diretor da peça. Naquele momento já tínhamos a ideia do enredo e de que se trataria de uma comédia melodramática. Ele queria que a história se passasse em uma época mais antiga que a atual, mas não tinha nenhuma ideia em mente.

Em uma breve pesquisa de imagens no google por décadas sugeri que ficássemos com os anos 20 (*aqui tentei colocar características e elementos que*

me chamam a atenção nos anos 20 que foram motivadores para o trabalho como os cabelos, detalhes em dourado, formatos dos móveis, o modelo dos sapatos, o charme e elegância que vejo nas fotos, o chique e ao mesmo tempo casual que sinto através de imagens das roupas, mas ia ficar tudo muito mais confuso) porque acho bonito e fiquei com vontade de trabalhar.



Imagen 15 - Colagem de imagens retiradas do google a partir da palavra chave - 20's - Montagem e anotações Aline Cotrim - Fotos acervo pessoal 2021 / Pelotas

¹ Um edital que tem por objeto a escolha de propostas artísticas e culturais para receberem um financiamento do Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROCULTURA/Pelotas.

FIGURINOS



Imagen 16 - Montagem de fotos de uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Fotos Mike Dilelio
2016 / Pelotas

Com os figurinos da Dona Frida o processo foi diferente da Dorothy, pois dediquei um tempo maior para a pesquisa e escolha do que cada personagem usaria e também dessa vez já tinha um dinheiro para um investimento inicial.

Algumas peças eu consegui encontrar no brechó, como a blusa da Dona Frida e a calça do Pierre, já as outras eu comprei o tecido e costurei. A Abigail e a Dona Frida usam roupas com tecidos leves e com poucos elementos e corte mais simples, pois vivem uma vida pacata sem muitos luxos.

Por outro lado, a Cora e o Pierre gostam de esbanjar dinheiro e viver no luxo, usam roupas com mais elementos com assessórios e possuem peças mais elaboradas, a Cora com um vestido de lantejoulas e o Pierre um terninho feito sob medida e como isso exigia demais da minha habilidade de costureira em aprendizagem, compramos o tecido e encomendamos de um alfaiate (*na época e até hoje, eu acho muito chique o fato que pedimos para um alfaiate fazer um elemento de figurino pra uma peça nossa, lembro com muito carinho do seu Silva*).

CENÁRIO



Imagen 17- Uma apresentação da peça DONA FRIDA no salão nobre da BBP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Mike Dilelio
2016 / Pelotas

A peça foi idealizada para ser apresentada na BPP, pois já tínhamos uma parceria com ela e achamos que ela tinha o pano de fundo ideal para a história, por ser um casarão preservado e possuir alguns móveis antigos espalhados pelo local. Apresentamos no salão nobre com as escadarias ao fundo da cena, dessa maneira utilizávamos elas como parte da casa da Dona Frida.

A história se passa em uma sala de estar e o cenário foi composto de duas cadeiras e uma mesinha de centro. Inicialmente eu idealizei duas poltronas, mas depois de revirar todos os antiquários da cidade e não achar um par de poltronas que fossem baixas e com formato de conchas ou com um formato que eu considerasse próximo de referências que eu tinha como imagem dos anos 20, com curvas e formatos de elementos naturais, resolvi optar por cadeiras, onde foi gasto a maior parte da verba do cenário.

Com a outra parte da verba eu comprei os elementos cênicos que garimpei nos antiquários, como os copos, cantil, cinzeiro e bengala. O restante

eu fiz ou alterei utilizando o que a gente já tinha como material do grupo. Os livros nós possuímos uns 100 no nosso acervo, então selecionei alguns e pintei as capas para ficar mais neutros. A urna é um vaso que eu pintei e fiz uma tampa com biscuit. O suporte do pó de maquiagem que Abigail usa fiz usando o suporte restante do um rolo de fita crepe.

A lareira ao fundo assim como dois biombos que tinha nas laterais não faziam parte do cenário inicial, mas foram acrescentados pois sentimos necessidades durante os ensaios, os biombos foram usados como coxias e a lareira para o apoio de elementos utilizados durante a cena.

Como a lareira e os biombos não estavam orçados, montei eles com o mínimo de dinheiro, usei madeira de descarte que já tínhamos em casa, como por exemplo restos de guarda roupas ou madeira utilizada para reforma de casas. Esse foi o meu primeiro trabalho construindo coisas de madeira, na época eu não tinha muitas ferramentas só tinha uma micro retifica² (essa ferramenta definitivamente não foi feita para construir grandes coisas, pois funciona como uma mini furadeira e normalmente é utilizada para pequenos trabalhos, então ficou tudo meio tortinho, mas pelo menos ficaram inteiros e não caíram em cena).

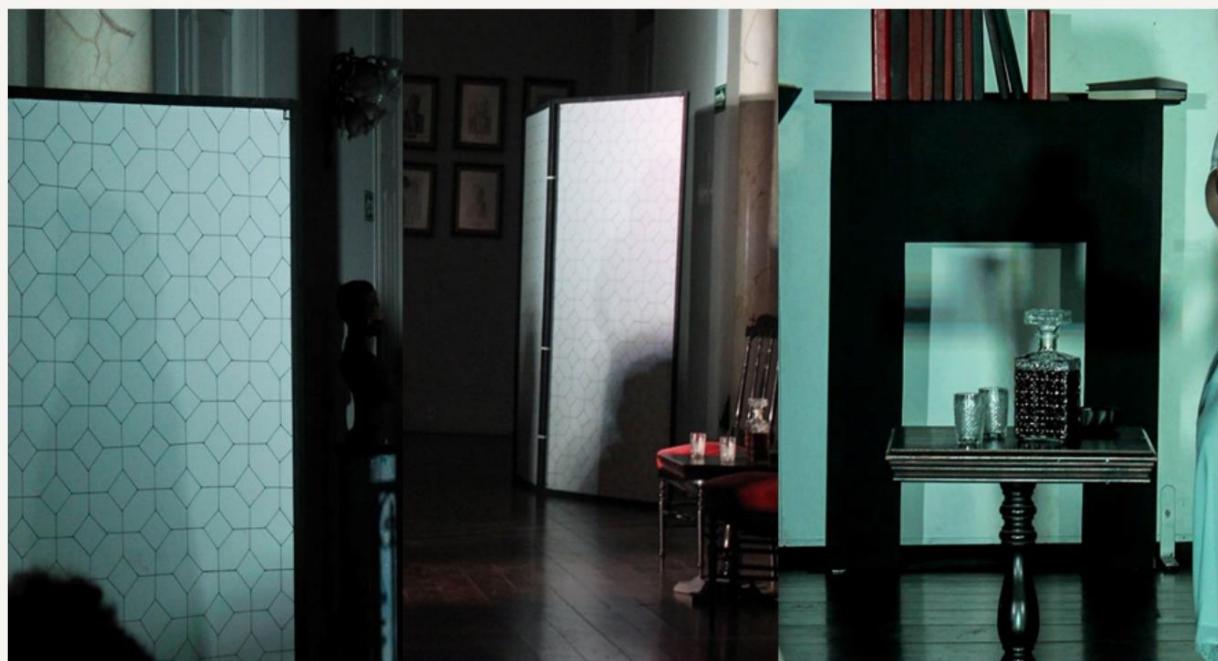


Imagen 18 - Uma colagem de imagens retiradas de fotos de apresentação da peça DONA FRIDA
Montagem e anotações Aline Cotrim - Fotos Acervo pessoal
2021 / Pelotas

² A micro retifica, também conhecida como retificadeira, é uma ferramenta elétrica capaz de perfurar, escavar, cortar, lixar e polir materiais e superfícies em pequena escala.

2.1.2.1. Dona Frida - Última versão

DONA FRIDA - 2017

Prêmios: Melhor Dramaturgia – XVIII Rosário Encena
 Melhor Espetáculo por Júri popular – XVIII Rosário Encena
 Melhor Cenário – II Festival da Cidade dos Anjos
 Melhor Figurino – XXV Festivale

Direção e Concepção Dramatúrgica de Thalles Echeverry
 Elenco com Aline Cotrim, Evelin Suschard, Dâmaris Cogno, Diego Carvalho e Eduarda Bento
 Cenário figurinos de Aline Cotrim
 Iluminação de Evelin Suchard
 Sonoplastia de Iago Mattos

Imagen 19 - Informações retiradas do arquivo da VSQ



Imagen 20 - Uma apresentação da peça DONA FRIDA no palco do XXV Festivale
 Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Sandra Both
 2017 / Rolante

Depois da temporada financiada pelo Edital de Financiamento Procultura, senti a necessidade de mudar o cenário para deixar mais em evidencia a época em que se passava a história. Ainda que a biblioteca fosse um bom pano de fundo, ela não trazia elementos dos anos 20, além de que se fossemos apresentar em outro local o cenário ia ficar perdido. Então juntamos um dinheiro para fazer pintura e colocar alguns novos elementos.

FIGURINOS



Imagen 21 - Montagem de fotos de uma apresentação da peça DONA FRIDA no largo do Mercado Público
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Eduardo Mancini
2017 / Pelotas



Imagen 22 - Foto de uma apresentação da peça DONA FRIDA
no palco do XVIII Festival Internacional de Teatro Rosário em Cena
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Mateus Armas
2017 / Rosário

Não alterei nenhum figurino, apenas modifiquei os cabelos e as maquiagens para que a caracterização ficasse melhor.

A única alteração que eu fiz para as últimas apresentações foi no figurino da dona Frida, pois a Damaris Cogno a atriz que interpretava o papel, teve que se mudar, então foi substituída pela Evelin Suchard. O vestido novo ficou com uma silhueta

parecido com o da Abigail reto e com a cintura baixa e também possuía mangas longas.

CENÁRIO



Imagen 23 - Foto de uma apresentação da peça DONA FRIDA no largo do Mercado Públco
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Eduardo Mancini
2017 / Pelotas

O cenário da peça Dona Frida tinha a necessidade de se usar biombos laterais como coxia além de um local de apoio para a lareira, optei por refazer essa proposição cênica de uma maneira a mover os biombos laterais para o centro que funcionava como um fundo para a cena e também de apoio da lareira, além de coxias é claro.

Para os biombos, a estrutura nova além de resistente, também precisava ser de fácil transporte. Fazer isso de madeira é muito complexo conseguir que seja resistente e desmontável. Lembrei daquelas piscinas de mil litros que você encaixa um ferro no outro para montar a estrutura.

Então fiz um desenho e uma “maquete” com palitos de churrasco de como eu queria e encomendei de um serralheiro com peças de encaixe feita com aço galvanizado, pois ficaria fácil de montar além de ficar firme (*Na verdade, fácil... fácil... não era, pois era um caos onde cada cano, painel e canto, tinham seus lugares específicos e se alguém colocar um cano virado errado, nada mais encaixa.*).



Imagen 24 - Foto de bastidores no biombo numa apresentação da peça DONA FRIDA
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Eduardo Mancini
2017 / Pelotas

A estrutura de metal além dos biombos ela se estende também para a lareira. A partir disso construí e pintei os painéis para revestir a estrutura da lareira e dos biombos. Para os biombos fiz um estêncil de concha e pintei como um padrão para imitar um papel de parede.

Acrescentei mais detalhes no cenário adaptando coisas que já tínhamos em casa no acervo. O quadro do Afrânio eu pintei em uma madeira que tínhamos guardado e o vaso de flores também peguei do nosso acervo e mudei a cor para colocar ele em cena. Todos os outros elementos cênicos se mantiveram o mesmo, eu apenas pintei alguns detalhes em dourado, pois isso é uma característica que considero bastante presente em acessórios e elementos dos anos 20.

2. 3. Norma - Última versão

NORMA – 2018

As estrelas são eternas, não são?

A peça teatral narra a história de uma atriz que foi um dos grandes ícones do cinema mudo e que se recusa a aceitar que foi esquecida pelo público. Envolta em uma teia de mentiras, criada pelo seu mordomo Max, a estrela vive em uma realidade paralela, onde nunca deixou de ser a grande estrela que foi. Porém, é com a chegada de Joe, um roteirista desconhecido, que a estrela vê seu mundo ruir.

Inspirada na obra de Billy Wilder, crepúsculo dos deuses.

Direção de Eduarda Bento e Thalles Echeverry

Elenco com Isabelle Vignol e Thalles Echeverry

Iluminação de Diego Carvalho

Sonoroplastia de Bruno Oliveira

Cenário e Figurinos de Aline Cotrim

Prêmios: Melhor Espetáculo – XXII Santiago Encena

Melhor Atriz – XXII Santiago Encena

Melhor Cenografia – XXII Santiago Encena

Melhor Figurino – XXII Santiago Encena

Melhor Maquiagem – XXII Santiago Encena

Melhor Direção – Festival Erechim (Âmbito Estadual)

Melhor Atriz – Festival Erechim (Âmbito Estadual)

Melhor Ator – Festival Erechim (Âmbito Estadual)

Melhor Sonoplastia – Festival Erechim (Âmbito Estadual)

Melhor Maquiagem – Festival Erechim (Âmbito Estadual)

Imagen 25 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ

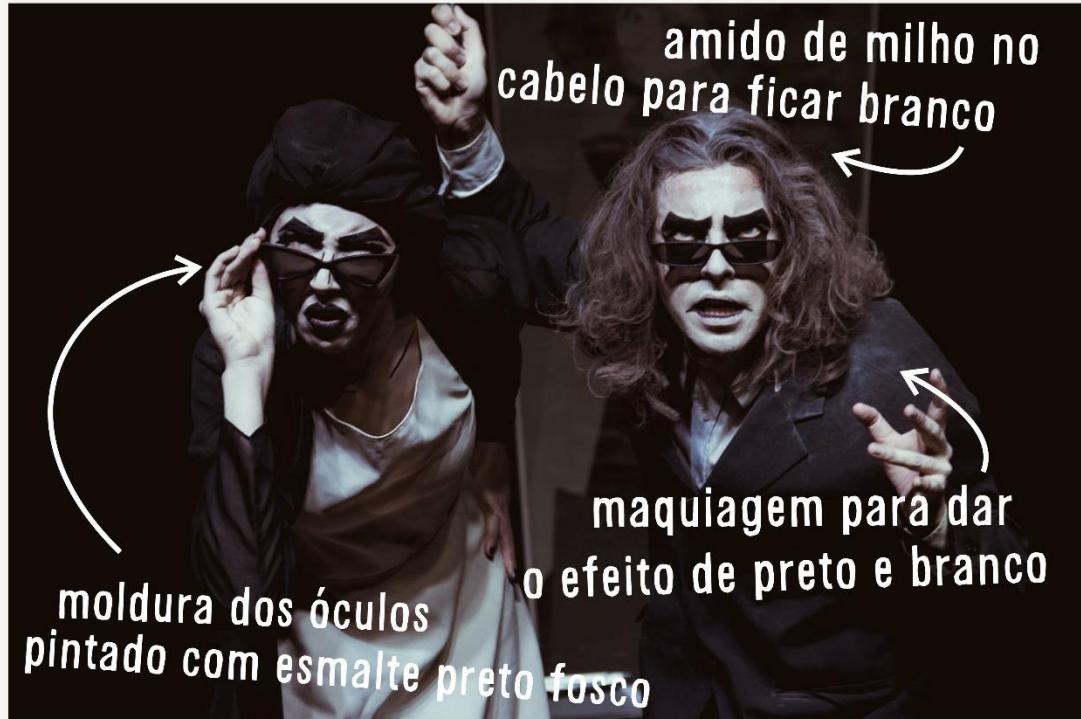


Imagen 26 - Foto colorida de uma apresentação da peça NORMA no palco do III FESTE
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Giuliano Bueno
2018 / Porto Alegre

Na primeira versão da peça NORMA eu não estava envolvida com o processo de criação eu apenas auxiliei na produção de alguns elementos. Por isso escolhi não fazer uma descrição da primeira versão. Aqui vou me atentar em explicar o processo da última versão que foi quando eu me envolvi e remodelei o cenário figurino e maquiagem.

A peça fala sobre a Norma, uma atriz do cinema mudo e sua relação com seu mordomo Max. Durante o processo de ensaio e criação da última versão se definiu um visual com um pouco de referência no cinema expressionista alemão. Quero deixar bem claro que nem de longe eu sou uma especialista ou pesquisadora dessa referência. Muito do meu processo de criação parte do visual de imagens que pesquisei como referência e a partir delas selecionei elementos que vou trabalhar.

Juntando a pesquisa de imagens com o enredo da peça e outras características do processo de criação, ficou definido que meu ponto de partida

para o cenário, figurino e maquiagem seria, o vazio, preto e branco, retas, formas assimétricas que trabalhassem com luz e uma fuga da realidade.



Imagen 27 - Uma colagem de imagens retiradas do google a partir da palavra chave
- cinema expressionista alemão -

Montagem e Aline Cotrim - Fotos Acervo pessoal
2021 / Pelotas

FIGURINOS



Imagen 28 - Montagem de fotos PB de uma apresentação da peça NORMA no salão nobre da BPP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Fotos Eduardo Mancini
2018/ Pelotas

O figurino do Max como mordomo não precisei fazer do zero, pois utilizei um terno e calça social que já eram usados da primeira versão com uma camisa social branca para passar uma seriedade. Todas as peças saíram do acervo de figurinos e a vantagem desse terno é que ele é alguns números maior e tem ombreiras bem grandes com isso a silhueta do ator fica bem marcada e como o terno é preto e a camisa branca o contraste também fica marcado.

A Norma vive como uma madame na casa, então ela usa um tipo de pijama chique com um vestido e um chambre. Para o vestido utilizei um oxfordine cinza que é um tecido barato e com bom caimento para confecção de saias com cortes retos e na parte de cima do vestido, fiz um corte quadrado para diferenciar de decotes arredondados. Para o chambre³ comprei um tecido preto com um pouco de transparência para dar mais efeito com sombras.

A maquiagem foi o mais complexo, pois queríamos um visual completamente em preto e branco. Tínhamos que passar maquiagem em tudo que o figurino não tampava, perna, braço, mão e afins. Na primeira apresentação usei *pancake* a base de água e no final devido ao suor a maquiagem estava toda borrada, um pesadelo completo.



Imagen 29 - Foto PB da maquiagem borrada
Montagem Aline Cotrim - Foto Eduardo Mancini
2018/ Pelotas

(Aqui do lado temos um belo registro da maquiagem borrada, o registro que não tenho é da minha cara vendo isso acontecer na minha frente sem poder fazer nada.)

Pesquisei e testei muitas coisas e técnicas diferentes de maquiagem, aqui não vou falar de todas as tentativas, mas posso falar da que deu certo. A maquiagem final não saiu por nada, os atores podiam chorar e suar que ela não saia. Essa foi minha maior vitória nesse projeto (*não posso dizer o mesmo pelos atores que passavam um bom tempo se lavando depois das apresentações*).

³ Chambre é um estilo de roupão, normalmente usado dentro de casa sob uma roupa ou pijama, pode também ser chamado de robe.



Imagen 30 - Foto colorida da maquiagem
Montagem Aline Cotrim - Foto Acervo pessoal
2021/ Pelotas

Com os testes percebi que não precisava usar maquiagem branca, mas sim um tom de base que reflete branco quando a iluminação é feita com refletor Par Led.

Exemplo da maquiagem com foto sem edição. Iluminação feita com refletor Par Led. Foi utilizado uma base número 1 e amido de milho para selar a pele. Os traços em preto foram feitos com delineador a prova d'água.

CENÁRIO

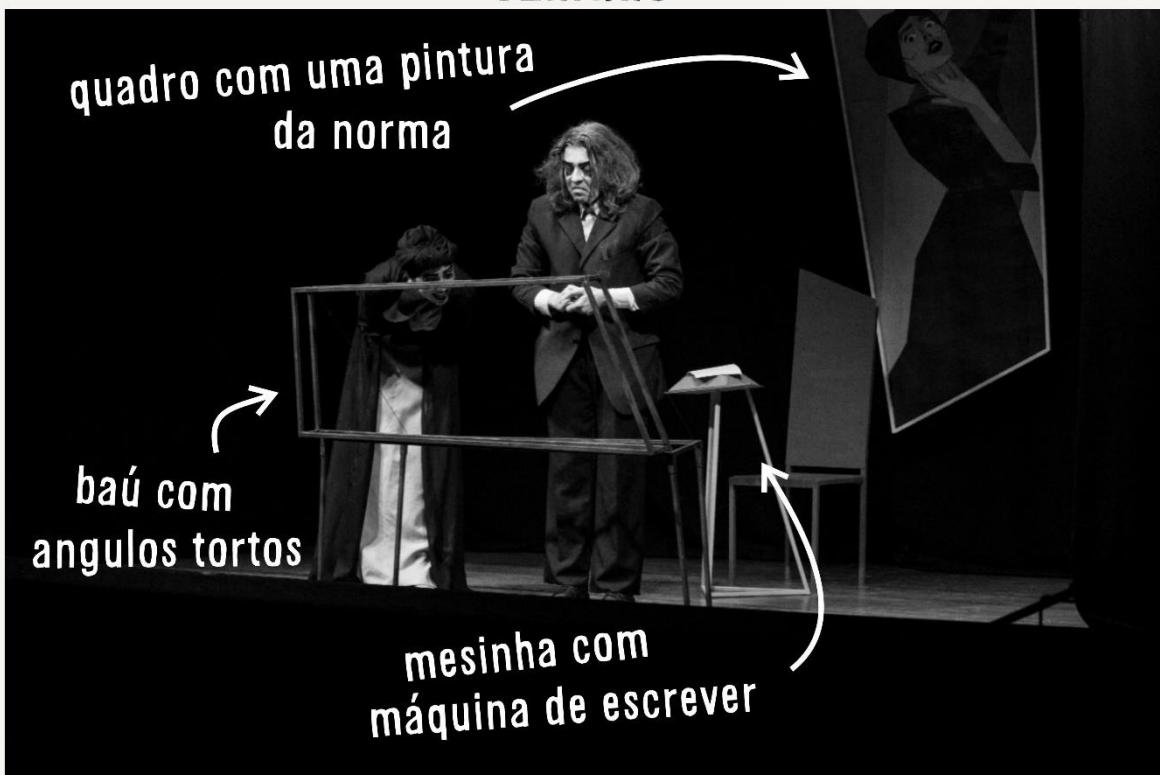


Imagen 31 - Foto PB de uma apresentação da peça NORMA no palco do III FESTE
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Giuliano Bueno
2018 / Porto Alegre

A história se passa em vários cômodos de uma grande mansão (*calma, isso não quer dizer que eu construí várias paredes e divisórias para colocar em cena*). O vazio estava presente no cenário, dessa maneira não se tinha a necessidade de um fundo, pois o fundo era uma parede branca ou uma cortina preta neutra, a definição dos cômodos se dava com os elementos cênicos.

Desenhei e encomendei do serralheiro os elementos grandes como, cadeira, mesinhas, baú e a moldura do quadro, todos esses elementos foram feitos com ângulos tortos e estrutura vasada para causarem sombras distorcidas com a iluminação. A cada troca de cômodo o Max movia esses objetos ou até mesmo retirava de cena colocando na coxia.

O único elemento que permanecia o tempo todo em cena era o quadro da Norma que ficava ao fundo. Pintei esse quadro com linhas retas a partir de uma foto que tirei da atriz.



Imagen 32- Foto do conjunto de chá comparando um modelo comum com modelo feito com retas

Montagem Aline Cotrim - Foto Acervo pessoal
2021/ Pelotas

Outros pequenos acessórios eram usados em cena como, conjunto de chá, telefone, máquina de escrever e uma pistola. Esses elementos foram repensados e recriados com linhas retas para interagir com luz e sombra, para isso eu construí utilizando papel paranaí (um tipo de cartolina bem grossa e estruturada) e fita crepe.

Todos os elementos cênicos foram pintados em uma escala de cinza que vai do preto ao branco com tons variados. Para pintar os acessórios de metal eu passei fita crepe e pintei por cima para que a tinta não arranhasse depois (*dessa forma também consegui pintar tudo com a mesma tinta sem precisar ficar gastando com uma tinta específica para cada material*).

2. 4. O incrível mistério de Honorato, o rato - Última versão

O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO- 2018

Num mundo completamente habitado por gatos, um dia que nem era dia porque já estava ficando noite, um crime terrível aconteceu na Casa Amarela. E todos os felinos que lá habitam são suspeitos de tal crime, inclusive uma Menina que ninguém sabe de onde saiu.

Direção de Diego Carvalho

Dramaturgia de Thalles Echeverry

Elenco com Caio Porciuncula, Evelin Suchard, Giovan Lautenschlager, Maiara Silveira e Mateus Armas

Cenário e figurinos de Aline Cotrim

Prêmios: Melhor cenografia – XXII Santiago Encena

Imagen 33 - Sinopse e informações retirados do arquivo da VSQ



Imagen 34 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO no Salão Nobre da BPP

Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Thalles Echeverry
2018 / Pelotas

O Honorato não nasceu como uma peça, mas sim como uma contação de história. Desde o início do grupo com a parceria que temos com a BPP temos contato frequente com o acervo de livros do setor do infanto que é muito grande e diverso. A contação faz parte da nossa trajetória, pois com frequência fizemos contações de histórias lá na BPP.

Como uma contação não é recontada muitas vezes, optamos por não fazer um super investimento e pesquisa em cenário e figurinos para cada contação, mas isso não quer dizer que usamos qualquer coisa. Na maioria das vezes eu uso o livro como referência para criação de figurinos ou elementos.

Com o Honorato fomos além da contação, porque achamos que o jogo cênico funcionava, e ele foi aos poucos se transformando de contação em peça e passou por várias versões.

Vou mencionar apenas um exemplo de uma das versões do Honorato. Onde os figurinos foram constituídos com peças do acervo. A menina foi uma exceção, pois para o seu pijama, compramos o tecido e eu costurei. Escolhemos amarelo porque a história se passa na casa amarela.



Imagen 35 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Mike B. Dilelio
2016 / Pelotas

Depois de um tempo a peça foi contemplada em um novo projeto de financiamento do Procultura, de 2018 e com dinheiro pra investir, conseguimos fazer melhorias no cenário e figurinos. Além do visual, o texto também foi reescrito e ouve uma troca quase completa do elenco, sendo que a única que ficou foi a Evelin fazendo a Menina (*até mesmo o Honorato o ratinho de pelúcia foi substituído por outro Honorato de pelúcia muito maior*).

Como a peça surgiu de um livro, eu e o Diego definimos que faríamos um visual mais coeso, com elementos mais coloridos onde os objetos parecessem que tivessem saído de um livro ou até mesmo de um desenho feito com giz de cera e com cores solidas.

FIGURINOS



Imagen 36 - Foto de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO no Salão Nobre da BPP

Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Thalles Echeverry
2018 / Pelotas

Na última versão, comprei tecido para fazer algumas peças novas, pois cada personagem tem uma cor e dentro dela a sua variação. Como por exemplo o vovô, tudo que ele usa é um tom de cinza. A variação de cor também seguiu nos pelos dos gatinhos, onde cada um tinha a sua cor e que também combinava com a cor do cabelo dos atores.

A maquiagem também mudou, ela ficou mais desenhada, o nariz dos gatos era pintado com um tipo de triângulo pra remeter a um nariz de gato e todos atores tiram as bochechas bem rosadinhos e com os olhos maiores, usando uma técnica com lápis branco e cílios postiços abaixo da linha d'água para se assemelhar mais a um desenho.



Imagen 37 - Foto da maquiagem de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO em uma escola
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Acervo pessoal
2018/ Pelotas

CENÁRIO



Imagen 38 - Montagem de fotos do cenário de uma apresentação da peça O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO no Salão Nobre da BPP
Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Thalles Echeverry
2018 / Pelotas

Antes mesmo de falar do cenário tenho que falar sobre a falta de foto que tenho do cenário, assim vasculhei terras e mares e essa montagem com imagem pixelada infelizmente foi o melhor que eu consegui encontrar.

A proposta da peça além de contar o que acontece com o Honorato é apresentar como funciona a área de jogo cênico, então uma área é delimitada e é dentro dela que ocorre a história.

No Honorato a área de jogo era delimitada por uma faixa de tecido e os elementos que não estão em cena ficavam no chão do lado de fora dessa limitação. Com dinheiro do Procultura para investir substituímos a tira de tecido por um tatame de EVA para delimitar a área de jogo. A parte fora de cena também melhorou, pois eu construí uma escada para que os elementos fora de cena não ficassem jogados no chão.

Novos pequenos assessórios foram feitos como queijos e cones de sinalização para o Honorato. Eu optei por fazer de papel machê para que possuíssem um visual de desenho. Os outros elementos cênicos como a vassoura e bengala revesti com papel machê e pintei de acordo com a cor do personagem, para manter a mesma paleta de cores com figurinos e assessórios.

E um elemento muito importante é o Honorato, o ratinho de pelúcia que foi feito com uma corda para que pudéssemos manipular ele em cena enquanto estivéssemos fora da área de jogo. Além da cordinha ele também tem um pedaço de velcro na barriga, assim ele “pega” um livro que fica na cena, e no momento certo puxamos ele com a cordinha.



Imagen 39 - Montagem de fotos do Honorato
Montagem Aline Cotrim - Foto Acervo pessoal
2022/ Pelotas

3. CONHECENDO E RECONHECENDO PRÁTICAS CRIATIVAS DE CENÁRIOS E FIGURINOS

Sentar e escrever sobre o meu trabalho e pesquisa eu acho meio complicado, não porque eu não goste da escrita ou não ache importante, mas acontece que o ato de sentar na frente de uma tela e apertar alguns botões me deixa um pouco entediada. Por exemplo, se eu tivesse que modelar uma escultura, ou costurar todo um figurino como um trabalho, ou pesquisa eu iria correndo sem pensar nisso do tédio. Isso de experimentar materiais, explorar texturas, testar possibilidades sempre esteve atrelado a mim e consequentemente aos meus trabalhos. Acho interessante depois de um tempo de observar e colocar em perspectiva que a minha escolha de estudar, pesquisar e trabalhar com teatro, e mais em específico cenografia e figurinos reúne todas essas minhas vontades. Quando era pequena me fascinava a possibilidade de poder fazer muitas coisas. Agora podendo pesquisar e colocar em prática esse amontoado de possibilidades de uma maneira viva e presente como no teatro é muito magico, pulsante uma constante de experimentações cada dia uma nova aventura.

E o que nós queríamos era ter uma vida de aventuras, um encontro da palavra, nós sabíamos que uma das últimas aventuras modernas era participar de uma trupe de teatro, e isso eu confirmo. Após 37 anos de existência, eu ainda confirmo: provavelmente, uma das últimas aventuras modernas é participar de uma trupe de teatro. (VIANA, 2010, p.215)

Um processo criativo de construção te possibilita tornar uma ideia presente e palpável. Sempre me interessei sobre aprender como fazer algo novo, tanto que a maior parte de figurinos cenários e elementos cênicos que eu criei foram feitos pela primeira vez (*como um experimento “ah e se eu juntar isso com isso? E se ao invés de usar esse material para fazer isso porque eu não uso esse outro?”*). Uma curiosidade constante e presente não apenas para um projeto específico, mas pulsante no dia a dia.

Por natureza, um cenógrafo é um colecionador cultural, deleitando-se na busca do efêmero da história e da sociologia. A variedade do trabalho que se apresenta é parte da fascinação da matéria, e satisfaaz uma curiosidade inerente e insaciável de se conhecer não só

os grandes eventos da história, mas os detalhes exatos de como as pessoas viviam, comiam, se vestiam, se limpavam e ganhavam a vida. O desafio para o pesquisador cenógrafo é saber utilizar um olhar individual para deslindar a essência da matéria, persegui-la, capturá-la e, então, decidir se ela será utilizada ou não. (HOWARD, 2015, p. 93)

O processo de criação pode ter vários pontos de partida, por isso a importância dessa pesquisa variada. Não quero colocar como regra a pesquisa de referências históricas para o processo de criação. Até mesmo porque as referências variam de acordo com a proposta de cada projeto. Quero propor um olhar atento que vai desde referências históricas, mas também para o que está na nossa volta. A cultura que vimos diariamente como um crochê ou uma marcenaria, e como essas representações de agora pode de certa forma influenciar nesse trabalho de criação.

Esse olhar atento e curioso é uma constante onde há todo momento o observar nos traz referências. Uma cor, um material, um momento pode ser um ponto de partida para a construção de um projeto. Pode ter vezes que não se tem um projeto para colocar em prática, mas o olhar e o refletir talvez se transforme em uma ideia para um projeto futuro.

Uma prática interessante que a cenógrafa e autora Pamela Howard cita em seu livro “O que é cenografia?” que faz no seu trabalho é a proposta de uma biblioteca de referências. No livro ela comenta sobre ida a museus ou a viagens em outros países e uma pequena coleção que ela faz de cartões postais, e como eles servem de representação de uma ideia ou um momento. Achei interessante isso e me veio a seguinte reflexão: nossa tenho uma metodologia parecida, mas ao mesmo tempo diferente! Por exemplo não faço visitas há museus com tanta frequência e minha única viagem internacional foi em uma apresentação da peça DONA FRIDA na cidade de Jaguarão/RS que faz fronteira com Uruguai atravessamos uma ponte e fomos lá dar um passeio de umas horinhas.

Diferentemente da autora que tem uma caixa onde guarda seus cartões postais, eu gosto de selecionar imagens que encontro do Instagram e salvo como referência e separo por pastas as categorias.

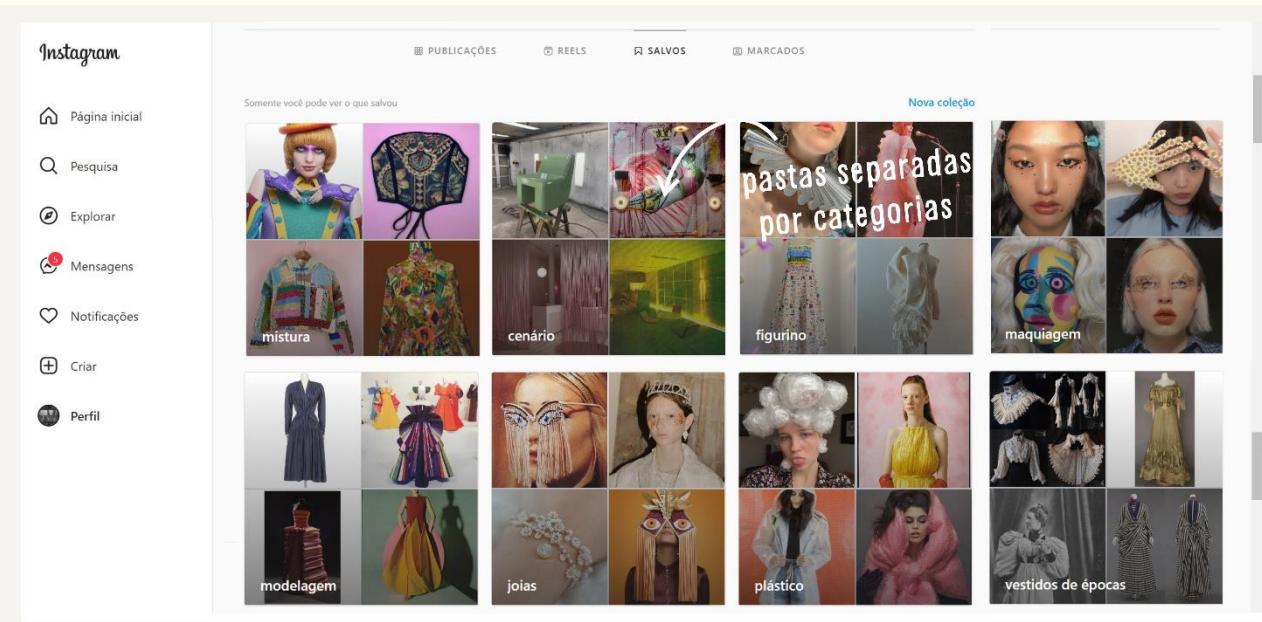


Imagen 40 - Print da minha página de salvos no meu perfil do Instagram
Montagem e anotações Aline Cotrim
2022 / Pelotas

Eu sei que usar imagens como referências pode não parecer uma prática super inovadora, mas pode auxiliar em processos criativos. Como por exemplo segundo o autor Fausto Viana e também cenógrafo professor e paulistano a Ariane Mnouchkine utilizou de imagens para orientar atores no processo de criação com cores elementos e acessórios e isso foi levando para o a criação dos figurinos para o processo de 1789 (VIANA, 2010, p.228). A Pamela, a Ariane, e eu somos completamente distintas, mas acho interessante perceber como a utilização de imagens pode fazer parte de um processo criativo no teatro, mesmo que de maneiras diversas.

Dos livros ou trechos de textos que eu li sobre cenografia ou figurino, muitas vezes se falam da importância da produção de uma maquete em escala do teatro e do cenário para uma visualização mais completa, ou uma versão do figurino para se usar durante os ensaios e com base nele fazer uma versão para a apresentação. Mas isso nunca fez parte da minha experiência por questão de tempo, recursos, e o fato que além do cenário e figurino muitas vezes também estou envolvida em outra parte no projeto, como atuação, ou maquiagem, ou iluminação e afins. Entendo a importância das maquetes e outros, o que eu faço é esboço em forma de rabisco num papel ou um mini modelinho com palito de churrasco e acredito que cumprem com o seu papel.

Quando falo sobre esse processo de criação e produção de cenografia e figurinos, acho essencial esse ajuste de possibilidades e práticas. A adaptação e a engenhosidade fazem parte desse processo de criação e isso está ligado ao fato de conhecer as possibilidades e as referências que estão sendo usadas.

Conhecer de fato as referências é importantíssimo, afinal tudo que está em cena é um signo. Gosto de observar e prestar atenção em tudo que faz parte da cena, atenta aos detalhes, fica fácil alterar ou acrescentar algo quando se tem definido as referências para que a ideia seja concretizada. O que me auxilia nesse processo é a ideia de biblioteca de referências, e como ela pode ajudar no trabalho. Assim como uma biblioteca concreta cheia de ideias e conhecimentos, perde o seu potencial se não é lida ou utilizada. O mesmo vale para essas referências visuais se ficarem ali guardadas e paradas, elas se esquecem e se perdem. “O desenvolvimento e a manutenção da curiosidade cultural, que revelam a interligação de assuntos aparentemente distintos, são atividades muito importantes.” (HOWARD, 2015, p. 111).

Cada pessoa criadora tem uma metodologia de registrar essa pesquisa de referências, seja ela em anotações, desenhos, fotografias ou afins. A Pamela Howard cita em seu livro “O que é cenografia?” (2015) que gosta de fazer um desenho ou anotação, e eu na minha prática muitas vezes também uso fotos e anotações. O importante é que o registro de referências seja um arquivo vivo e de fácil acesso para auxiliar em ideias e na execução de projetos. Mas importante salientar que é uma pesquisa e não apenas um copia e cola.

A pesquisa não é simplesmente comprar um prato pronto no supermercado cultural, mesmo se for cômodo e estiver embalado de modo atraente. A pesquisa trata de como os fatos atingem o receptor e não envolve o dado determinado por alguma outra pessoa. (HOWARD, 2015, p. 111)

Além de referências visuais como um momento, imagem, fotografia ou pintura. Outras coisas também servem como referência, como um cheiro, textura, sensação ou materialidade. Por exemplo, a textura de um portão de ferro com tinta descascada e enferrujado, pode servir como referência pra a reprodução de algum elemento enferrujado para a cena, ou como uma paleta de

cores para um figurino de um personagem enferrujado e parado no tempo também.

Esses amontoados de referencias diversas podem se misturar e se complementar. Tornando assim referências cruzadas que podem ser desde misturas de materiais com cores, de uma época com um estilo, e que podem ser contrastantes ou não desde que agreguem a esse processo criativo. Pamela Howard traz um exemplo dessa mistura no figurino de um personagem

A pesquisa de referências cruzadas e a transferência são criativas desde que agreguem à clareza do personagem. Utilizei um padrão de azulejo a partir de um piso medieval visto no Museu Britânico (Figura 3.3), convertendo-o em um tecido impresso para um dos figurinos de Falstaff (figura 3.4), e, em contraste, utilizei uma moderna jaqueta de couro de motociclista para um figurino elisabetano em *The Revenger's Tragedy*. (HOWARD, 2015, p. 105)

Outro ponto no processo criativo além da pesquisa e referências são as possibilidades. O que vai desde a possibilidade de materiais e recursos tanto quanto a de espaço. E essas questões permeiam todas as partes do processo que vai desde a sala de ensaio, ao ateliê e oficina de construção e ao local de apresentação.

Um ponto recorrente em todos os projetos que executei como cenógrafa na VSQ é o espaço de apresentação. Atualmente não temos um local fixo de trabalho como um teatro ou uma sala para apresentações. Na maioria das vezes apresentamos no salão nobre da BPP e outras vezes levamos para outro local, como um teatro de alguma cidade ou o pátio de alguma escola. O ponto é que como não tem um local fixo todos os cenários tem que ser desmontáveis e além disso, tem quem ser de fácil transporte. Digo isso porque idealizar um cenário desmontável é um pouco complicado, agora além de desmontável ser de fácil transporte o nível de complicaçāo aumenta gradualmente.

Acho interessante colocar em perspectiva essa questão de possibilidades de espaços. Em um trecho do livro da Pamela Howard (2015) ela comenta sobre criatividade e tecnologia e cita uma produção que ela teve que fazer utilizando uma tenda como estrutura, e cita que como é um grande desafio criar esse espaço a partir do nada, isso se referindo a um espaço que não é um teatro com estrutura. A autora fala como é uma tarefa fenomenal que exige uma equipe de pensadores para fazer acontecer. Em outro trecho do livro “O figurino teatral e

as renovações do século XX" (2010) o Fausto Viana cita que a montagem de 1789 tinha sua cenografia composta por cinco palcos e que era muito simples.

Assim longe de mim de criticar o trabalho e as dificuldades de algum projeto, mas o que para a Pamela Howard é uma pesquisa com uma equipe de pensadores para uma apresentação específica, para mim é uma realidade constante de uma equipe de uma pessoa só. E uma cenografia simples composta por cinco palcos e bem diferente de uma prática onde não temos nem um palco. Eu sei que são realidades diferentes, assim como a minha também é totalmente diferente de um projeto ou uma vivencia de outro alguém. A questão principal é como criar a partir dessas necessidades, e como as dificuldades de cada espaço influenciam nesse processo de criação. Um ponto que eu acho importante comentar é sobre a constância da proposta cênica e para isso trago algumas considerações.

3.1. Constância e a transposição de uma montagem

Vou citar aqui um relato de uma vivência que eu tive. Por exemplo, imagina que eu tenha uma peça que eu levo para escolas onde apresento um monólogo sentada em banco, mas certo dia tenho a possibilidade de apresentar esse mesmo monólogo em um palco e decido acrescentar alguns recursos de iluminação para representar a cena. Ótimo né? Então toda a experiencia é válida, mas uma coisa é um fato, a pessoa que assistiu o monólogo na luz do dia no pátio na escola não assistiu a mesma apresentação que a foi feita em um palco com uma rotunda preta e diversas possibilidades de iluminação.

Eu sei que de uma visão prática de fato não é a mesma apresentação, mas estou falando das visualidades pois a iluminação que a caixa preta traz visualidades muitas diversas que o pátio da escola. Não estou falando aqui que um caso é melhor que o outro, mas dessa não constância muda por completo essa peça. Acho de extrema importância que o cenário seja pensado para ser coerente e constante em todas as apresentações independentes do lugar onde vai ocorrer. Sei que perrengues podem surgir no meio do caminho, mas antes de definir o local da apresentação é importante analisar se vai estar disponível os recursos necessários para aquela apresentação. Pareço uma chata e

sistemática que fica implicando com certas coisas, mas é por que de fato sou mesmo uma chata e sistemática. Se uma peça é pensada em um fundo preto utilizando recursos de iluminação, essa mesma peça não pode ser apresentada no pátio de uma escola durante o dia. O mesmo pensamento segue para o cenário se não é transportável, pois algum elemento como um fundo, ou sei lá cadeiras, por exemplo, não dá para você chegar na escola e pegar as cadeiras da sala para apresentar.

Nessas horas posso parecer egoísta não querendo que uma peça no ambiente escolar, mas não, muito pelo contrário eu acho necessário, mas também acho de extrema importância que o ambiente escolar possa assistir à peça com a mesma qualidade e recurso que em outros locais de apresentação. Acho uma falta de respeito com o público reduzir ou excluir algum elemento da peça só para apresentar, porque não se vai apresentar a mesma peça. Acredito que todo o público tem o direito de fruir de uma peça, aproveitando do seu máximo e não reduzida. Isso se faz muito mais importante num ambiente de formação como a escola.

Então, falei, falei, mas, e como resolver? Se for definido que em uma peça precisa de iluminação um cenário fixo ou afins acho importante pensar em locais de apresentam que disponibilizem esses recursos e se caso não for possível levar para um público talvez fazer um caminho reverso onde leva o público até o local de apresentação.

Mas além disso pode se pensar em um cenário de forma inteligente onde ele se sustenta de uma maneira que não necessita de outros recursos externos assim mantendo uma constância e qualidade independentemente do local de apresentação. Importante falar que não estou falando de super produções com altos recursos, mas de ter um cuidado com pequenos detalhes e pensar antes da escolha o quanto você vai estar comprometido com a constância e qualidade dos seus projetos.

Essa reflexão sobre a constância parte desse incômodo que me gera quando percebo que em uma apresentação teatral a parte visual de cenário e figurino são deixados meio de escanteio, por isso eu gosto de reforçar a importância da pesquisa e planejamento de recursos.

Vou citar aqui duas situações que aconteceu em apresentações da peça “O INCRÍVEL MISTÉRIO DE HONORATO, O RATO”. Uma foi em um pátio de

uma escola, onde o chão era de areia e não tinha como colocar o tatame de E.V.A. pois, não ficava estável, então optamos por delimitar a área de jogo com faixas, como era utilizado antigamente na contação. Outra situação foi em uma apresentação em um palco de teatro que tinha uma borda muito alta e não dava para ver o Honorato e nem a área de jogo então ao invés de apresentar em cima do palco apresentamos na frente no chão de maneira que desse para ver o Honorato e a área de jogo. Em ambas apresentações essas adaptações foram necessárias e mesmo assim se manteve a mesma proposta visual.

3.2. A coleção que se transforma em criação

Para além do espaço, também é importante observar recursos de materiais que estão disponíveis. Muito material pode ser reutilizado ou até mesmo uma experimentação de possibilidades de criação com materiais mais

baratos. Uma cadeira que foi usada em uma apresentação, se trocarmos o encosto e pintarmos de uma outra cor pode ser reutilizada de uma nova maneira. Uma produção de figurinos pode ser feita somente com fita durex e sacolinha reutilizada de mercado.



Imagen 41 - Fotos de uma apresentação da Oficina de Linguagens Teatrais na BPP Montagem e anotações Aline Cotrim - Foto Aline Cotrim 2019 / Pelotas

Esse olhar atento e curioso para essas possibilidades é um exercício constante que sempre deve ser renovado.

Constantemente, precisamos pesquisar e descobrir que tecnologias estão disponíveis e de que maneira elas podem nos ajudar a alcançar certos objetivos. Você não será capaz de formular perguntas se desconhecer as possibilidades. (HOWARD, 2015, p. 123)

Estou falando aqui sobre essa reutilização de materiais ou ressignificação, mas esses materiais precisam estar disponíveis de alguma forma. Uma maneira

de obtê-los é comprando ou a minha maneira favorita, que é colecionando. Se me perguntarem, eu não sei o que veio primeiro, se eu coleciono coisas porque gosto de criar ou se crio coisas porque eu gosto de colecionar. O meu acervo de materialidades é bem vasto, vai desde uma peça de roupa que eu comprei no brechó e não uso mais, a um pedaço de madeira em ótimo estado que eu achei em uma caçamba e fiz quem estava comigo na rua me ajudar a carregar até em casa.

Atualmente o acervo de figurinos da VSQ é bem diverso, uma parte são peças que eu encontrei em algum brechó e comprei porque eu achei interessante. Outra parte já são de figurinos que eu costurei desde o início usando tecido e outra parte são doações que vão desde à vestidos de formatura que acredito que sejam dos anos 90, até a peças de *cosplay* de anime.

Inicialmente cerca de noventa por cento do acervo era composto por peças de brechó, basicamente porque eu não me sentia segura em costurar uma roupa do zero, na verdade eu nem cogitava essa possibilidade, para mim era muito mais fácil procurar uma peça específica onde eu tivesse que fazer pequenas alterações ou ajustes para servir o propósito do figurino. Hoje em dia acho mais confortável confeccionar uma peça do zero do que ficar fazendo ajustes em uma peça pronta.

Mas também aqui não quero falar que um jeito é melhor que outro, a questão é analisar as possibilidades e criar a partir disso, levando em consideração as possibilidades e a proposta da montagem. Por exemplo os figurinos utilizados na peça DONA FRIDA são uma mistura de peças de brechó com peças feitas do zero para que transmitissem a proposta dos anos 20, mas sem a necessidade de um realismo. Uma prática também utilizada na montagem de 1789, que foi um espetáculo do Théâtre du Soleil para manifestar o desapontamento com os acontecimentos e o fracasso dos protestos de 1968 na França. Essa mistura agregou para o trabalho e também gerou outras possibilidades “São elementos absolutamente díspares entre si, mas bastante ‘harmonioso’ no conjunto.” (VIANA, 2010, p.231).

Algumas coleções de materiais são bem mais específicas do que uma peça de roupa ou um pedaço de madeira. Por exemplo eu tenho uma pasta com várias embalagens de leite em pó. Porque? Não sei ao certo, mas a possibilidade de fazer algo com esses pedaços de plástico brilhante me instiga de alguma

forma. Acho interessante isso de pensar o como um material ou suas possibilidades pode servir como ponto de partida da criação.

No capítulo “Objetos cotidianos” do livro “O que é cenografia” (2015) Pamela Howard conta que certo dia adentrou em um celeiro que estava aberto para visitação e venda de antiguidades. Certo momento o proprietário oferece uma moldura como presente para ela e naquele momento ela percebeu que a moldura serviria como ponto de partida para o processo de criação de um projeto que ela estava pesquisando. “Como quem coloca um bebê na cama, pus a moldura no porta-malas do meu carro: sabia que tinha encontrado a chave para meu próximo trabalho, e que, a partir daquilo, todo resto viria.” (HOWARD, 2015, p. 120)

O processo criativo de cada um é totalmente variável, mas acredito que algumas coisas acabam sendo semelhantes de algum modo. Da mesma maneira que observei uma parte da minha prática se assemelha com a prática do outras pesquisadoras, outros pontos também são contrastantes. Acho importante esse registro de metodologias, como boa parte do trabalho com relação a esses elementos cênicos é mais manual, a parte desse registro é meio deixada de escanteio. Digo isso muito mais relacionado com a minha prática, pois raramente me detengo a registrar a minhas práticas.

Espero que esse pequeno registro sirva para instigar esse olhar criativo e curioso e que de alguma maneira possa auxiliar nesse processo criativo de elementos cênicos. Não estou dizendo que para trabalhar com cenário e figurinos precisa saber bordar, soldar, costurar, serrar, pregar, colar e mais tantos ar (*mas também não vou falar que não ajuda*). Mas sim esse refletir possa torná-los mais acessíveis e presentes em futuras montagens cênicas.

4. DO PALCO PARA A SALA DE AULA

Durante minha formação de professora, ministrei diversas aulas, oficinas e vários estágios, digo vários mesmo. De uns tempos para cá venho percebendo que essa parte visual e manual sobre cenários e figurinos fica cada dia mais presente na minha prática. Na verdade, de certa forma ela sempre esteve presente, mas ultimamente tenho dado mais atenção e colocado de maneira proposital, assim reconhecendo e experimentando diversas possibilidades de ensino do teatro. Meus dois últimos estágios da faculdade, experimentei de uma maneira mais pontual esse ensino do teatro com relação ao cenário e figurino, mas de maneiras diferentes.

O estágio dois foi com uma turma do primeiro ano do ensino, médio onde a proposta era de refletir e experimentar diversas possibilidades de figurinos e cenários para uma construção cênica de maneira prática, visual e criativa, assim estimulando a autonomia, ludicidade, olhar crítico e o senso criativo com os estudantes para a construção de um personagem. Não vou me aprofundar aqui em todas as características e percepções que acontecerem durante o estágio, pois isso por si só daria para escrever outro TCC. Durante as aulas planejei dinâmicas que pudessem estimular essa prática visual e criativa, fiz algumas adaptações em jogos colocando algum elemento cênico ou figurino.

Um dos exercícios que eu adaptei do livro de “JOGOS PARA ATORES E NÃO ATORES” (2015) do Augusto Boal foi o “PEGA GELO” onde a pessoa que foi pega fica congelada até outra passar por debaixo da perna para descongelar. Na sala de teatro onde realizei meu estágio tinham muitos chapéus então adaptei o exercício onde ao invés de passar por baixo da perna teria que fazer um comprimento e trocar de chapéu para descongelar. Eu sei que essa explicação pode parecer meio confusa, mas a proposta dos exercícios era sempre experimentar criando com as visualidades disponíveis.

Um outro exercício que eu levei foi o de reproduzir uma foto de uma apresentação da VSQ podendo utilizar todo recurso disponível na sala de teatro. Os alunos foram maravilhosos se engajaram na proposta e depois através das aulas criaram muitas visualidades diversas. A cada dinâmica foi maravilhoso ver como eles se ajudavam nesse processo de criação e experimentação.



Imagen 42 - Fotos de um exercício em sala de aula durante o estágio e fotos de peças de referências
Montagem e anotações Aline Cotrim - Fotos arquivo pessoal
2022 / Pelotas

Agora no estágio III eu queria um projeto de produção de fato de cenários e figurinos. Então desenvolvi a proposta dos cinco Cs, criar, construir, colar, costurar coisas. Que foi uma oficina de criação e construção de elementos cênicos para uma montagem da turma da Oficina de Linguagens Teatrais da VSQ que vai realizar uma apresentação de mostra de processos com a temática de contos de fadas.

Acho importante falar que durante a oficina os participantes não precisaram produzir os elementos da montagem com a obrigatoriedade de finalizar e executar com perfeição. A proposta foi de conhecer e experimentar técnicas, materialidades e possibilidades. Entendendo e conhecendo como algumas coisas puderam ser feitas de maneira prática e acessível. A partir de referências, adentramos nesse processo de como construir com pouco e a algumas vezes fazendo algo pela primeira vez explorando as visualidades que um material poderia nos proporcionar.

Vou confessar que sou meio professora babona, pois fiquei muito feliz com os resultados no final da oficina, mas não falo isso de uma maneira apenas prática, mas sim como um todo. Foi muito importante conseguir visualizar e trocar esses projetos e vivências, e é gratificante ter o retorno dos participantes

com um olhinho que brilha. Sabe aquele olhar que brilha quando você experimenta uma coisa nova, ou quando você aprende a fazer algo e no final aprecia com um “foi eu que fiz”.



A proposta de possibilitar um local de criação, não necessariamente para futuros cenógrafos ou figurinistas, mas sim pessoas criadoras com um olhar atento, disponível e reflexivo para um fazer teatral ou de outras áreas com mais possibilidades visuais e manuais. E vai para além dessas duas experiências do estágio, mas como uma prática constante durante outros momentos da minha vivência como professora de teatro.

Para além dessas práticas durante os estágios, nesse momento estou dando aula para a turma da Oficina de Linguagens Teatrais da VSQ junto com a Evelin Suchard, que é professora formada do curso de Teatro licenciatura da UFPel. Agora no final do ano de 2022 vai ocorrer uma apresentação de mostra de processos com a temática de contos de fadas. Como produzi os elementos cênicos mais cedo devido a oficina dos cinco Cs (*digo isso porque na maioria das vezes eu termino a produção dos materiais na madrugada de véspera da apresentação*) consegui levar em aula para apresentar para os estudantes. Ao final de cada aula do curso de linguagens um deles lava para casa um diário de

aula para escrever, desenhar ou fazer algo que esteja afim, e na aula seguinte outra pessoa leva.

Depois da aula que levei esses elementos, um estudante fez anotações nesse diário com desenhos sobre o figurino. Esse registro que ele fez acho muito potente, porque é uma maneira de registrar o que eu venho apresentando. Interessante pontuar que a base de referência da construção desse figurino veio de um exercício que fizemos em aula, onde esse estudante já apresentou uma proposta de figurino. A partir daí foi feita a versão final que foi a que foi levada em aula.



Imagen 44 - Foto da máscara e do colar do personagem e foto do diário de aulas
Montagem Aline Cotrim - Fotos arquivo pessoal
2022 / Pelotas

Não tenho uma regra ou técnica específica para trabalhar com cenário e figurinos na sala de aula, mas a experimentação com materiais disponíveis pode gerar muitas possibilidades. A pesquisa e prática não necessariamente de produzir um cenário ou figurino, mas sim de experimentar, pode levar a um fazer teatral tanto para os estudantes quanto aos educadores mais amplo e criativo. Acredito que cada vez mais observando e fazendo os cinco Cs criando, construindo, colando e costurando coisas, essa parte visual do teatro vai ficar mais presente, assim podendo gerar diversas possibilidades para projetos futuros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a escrever esse trabalho, a proposta era de exemplificar parte dessa pesquisa com cenário e figurinos como uma maneira de registro. Ao longo da pesquisa percebi o quanto essa parte visual e manual faz parte da minha trajetória desde muito pequena, quando eu criava diversos universos dentro do meu quarto e hoje em dia posso criar esses universos em um palco de teatro e compartilhar com outras pessoas.

Ao longo dos últimos nove anos vivi intensamente essa prática teatral, sendo ela dentro da universidade e uma outra boa parte na VSQ. Com essa prática experimentei diversas coisas, com muitas tentativas e erros, aqui selecionei apenas uma parte dessa prática. Aprendi a costurar e construir coisas que eram inimagináveis há alguns anos atrás. (*e posso confessar que algumas coisas que eu já fiz eu olho e penso, nossa como é que eu fiz isso?*). Colocando em uma perspectiva escrita, consigo observar o quanto foi criado e quantas outras possibilidades podem ser criadas.

Observar e pesquisar outras pessoas que trabalham e estudam cenografia e figurino, gerou em mim novas reflexões e comparações de como uma prática pode se assemelhar a outra, ou até mesmo como um contraste pode proporcionar uma adaptação igualmente rica. Acho importante pontuar esse olhar atento, presente e imaginativo que pode colocar em prática diversas possibilidades de criação com o que se tem disponível.

Sempre falo da importância desse cuidado visual pensando sobre cenário e figurinos e confesso que sou meio chata (*na verdade sou bem chata*) e gosto que tudo que esteja em cena tenha um objetivo e não seja colocado só por colocar. Assim não estou falando que existe uma regra ou modelo a ser seguido, mas sim um observar e um cuidado que pode agregar cada vez mais na prática teatral.

Acredito que esse observar, cuidar e a experimentação não devem ficar limitados a uma apresentação teatral, pois como professora de teatro percebo a importância de experimentar cenografia e figurinos na sala de aula e quantas possibilidades criativas podem ser geradas a partir dessa perspectiva. O fazer teatral se expande para além do corpo e voz, ele é cor, formas, texturas, objetos, estruturas, imagem e muito mais.

Finalizo com a vontade de pesquisar e experimentar cada vez mais as possibilidades que o cenário e o figurino podem trazer ao fazer teatral, explorando o que os materiais ou as técnicas podem proporcionar. Gostaria de fazer um convite para você que leu até aqui para também experimentar um pouco, não necessariamente trabalhar com cenografia ou figurinos, mas experimentar esse observar, criar e construir diversas coisas.

REFERÊNCIAS

HOWARD, Pamela. O que é cenografia? / Pamela Howard; Tradução de Carlos Szlak. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

VIANA, Fausto. O figurino teatral e as renovações do século XX / Fausto Viana. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

Site da VSQ Cia de Teatro. Disponível em <https://vsqciadeteatro.wixsite.com/vsqciadeteatro/inicio>. Acesso em dezembro de 2022.

COTRIM, Aline. Relatório final estágio II. Apresentado para a disciplina de estágio II, ministrado 2021/2, pela professora orientadora Maria Amélia Gimmler Netto. Disponível em <https://1drv.ms/b/s!Ajn870OnJaJT1iWyPvoIAwd-DhoP?e=w4j6WV>

COTRIM, Aline. Relatório final estágio III. Apresentado para a disciplina de estágio III, ministrado 2022/1, pela professora orientadora Maria Amélia Gimmler Netto. Disponível em <https://1drv.ms/b/s!Ajn870OnJaJT1SvGeBFI3DkRumUD?e=l5NurC>